

Conceitos da Nova Psicanálise: Precisões

MD Magno

Transcrição da seção 21 do *SóPapo 2014* realizado em 29
novembro, na UniverCidadeDeDeus.

1

Estamos num momento de vários projetos em andamento ligados à transmissão de nossa teoria e de nossa prática. Por isso, quero tecer várias considerações no sentido de certa homogeneidade e coerência, e, sobretudo, de evitar alguns mal-entendidos no percurso de meu desenvolvimento. É preciso sempre ter em mente que uma teoria não é literatura. Ela não pode ser absolutamente fechada, mas tem que ter um rigor quase que matemático porque precisa ficar de pé. Diferentemente das áreas da engenharia e da medicina, em que um prédio pode ruir ou um paciente morrer, na psicologia e na psicanálise, o cliente não morre, mas pode sofrer um estrago irreparável. Precisamos, portanto, ser cuidadosos, pois o rigor das ciências humanas é mais frouxo já que elas não são inteiramente mensuráveis, calculáveis e com consequências absolutamente previsíveis. Não se pode dizer qualquer coisa. Se pudéssemos dizer qualquer coisa, não seria necessário teorizar. Solicito, então, que,

sempre que encontrarem em textos meus algum mal-entendido, ambiguidade, deslize ou aparência de erro, por favor tragam para discutirmos aqui. Às vezes, nem erro é, mas simplesmente uma construção de frase mal feita, uma fala apressada...

Um conceito é uma construção na tentativa de abordar algo da realidade. É preciso sempre ter em mente que *o mapa não é o território*: ao falar de um conceito, não estamos falando de uma coisa. Assim, ao trabalhar com conceitos há que respeitar a relação e a coerência entre eles. Nenhuma teoria dá conta da realidade, faz apenas uma consideração buscando conceitos os mais precisos possíveis e que sejam repetitivos. É o caso de um teorema matemático que, depois de enunciado, nele não se mexe mais. Então, quanto a conceitos, não podemos tomar as palavras e usá-las muito à vontade. É claro que, falando, fazemos isto: na língua, ao usá-la, na tentativa de exprimir e mesmo de teorizar, resvalamos com muita frequência, mas estes são os resvalos da língua, e não relativos a conceitos de outras áreas. Portanto, quando estivermos tratando de nossa área, devemos manter os termos conceituais com precisão. Caso contrário, daqui a pouco, a teoria não mais funcionará, pois os estaremos aplicando de modo que, não sendo precisos, não darão a resultante x ou y . Digo tudo isso porque, de vez em quando, me chegam certos enunciados relativos à nossa teoria que evidentemente não estão corretos.

Começo, então, lembrando que, no percurso desta teoria, sempre que entrou um conceito novo, ele foi precisamente situado. Ou seja, os conceitos desta teoria têm uma gênese: emergiram em tal momento,

de tal necessidade, têm tais consequências, têm tal precisão e tal repetição necessárias. Vejamos o caso do conceito de **Primário**, que apareceu num certo momento, com bastante clareza e, em seu nascimento, se referiu às IdioFormações, entre as quais esta de nossa espécie, chamada de humana. O conceito de Primário surgiu, portanto, para definir IdioFormações. Sendo que, ao definir uma IdioFormação em sua constituição biótica, ele está também definindo as outras constituições bióticas, animais, etc. Elas têm Primário, que é a formação espontânea, dada, geralmente conceituada como ser vivo. Isto já é difícil demais, pois a fronteira entre os seres vivos e os não vivos é desconhecida: há seres vivos que parecem minerais, vegetais... Para nosso uso, como não costumamos fazer análise de gato, cachorro ou bactéria, e sim de uma espécie de IdioFormação, o conceito de Primário é bastante bom, suficiente. Primário é, pois, o aparecimento espontâneo – e Artifício Espontâneo é aquele com o qual substituo a ideia de natureza –, o que é dado. Tentamos lidar com ele do jeito que é possível e até para falar dele precisamos ser conceituais: já que não sabemos espontaneamente o que é, só sabemos por via secundária.

Uma confusão que aparece com frequência é aquela entre o espontâneo e o Primário. Algumas pessoas chamam as formações do Haver de Primário, mas não é. Primário é a constituição biótica, dada, espontânea, de animais – esqueçamos o que foi lá atrás, pois não somos zoólogos ou biólogos –, sobretudo esta espécie que é uma IdioFormação, como certamente qualquer IdioFormação que apareça no Haver. Os animais quanto mais próximos de nós têm Primário.

Neles, o Primário é constituído apenas de autossoma e etossoma, os quais são um saber, um conhecimento dado. Não somos empiricistas, John Locke *et caterva*, que possamos dizer que há tábula rasa. Quando nasce um ser de nossa espécie ou próximo dela, aquilo já tem inscrita uma constituição enorme. Neste ponto, os racionalistas – desculpem-me por falar em Platão – estão certos: há saberes inatos, inscritos auto e etossomaticamente. No caso das IdioFormações possíveis dentro do Haver, o Primário, além do autossoma e do etossoma, inclui um *Heterossoma*. Faz parte do Primário das IdioFormações a maquininha catóptrica. A moda hoje – já que as fronteiras estão com dificuldade de serem discernidas – é dizer que o homem é um animal, mas não é. Não o é mais. A revista *Superinteressante* (edição 339, novembro 2014) publicou a foto de um macaco na capa com a chamada “Caem as fronteiras entre nós e os animais”. É uma imbecilidade, sobretudo para nós cujo próprio Primário resultou espontaneamente em *Heterossoma*. Os outros animais podem ter pequenos laivos de inteligência que levam a dar a impressão de cultura, mas não é. Eles não articulam e, se modificam algum comportamento, é muito leve, pequenininho – e não se deve a reviramento algum. Deve-se a algum movimento da inteligenciazinha que têm com o Haver. Nossa espécie não é um animal. Prefiro a definição de Fernando Pessoa: “O homem não é um animal, é uma carne inteligente, embora às vezes doente”. O salto é qualitativo – com licença da palavra Marx –, dada a pleora quantitativa, cerebral e outras coisas que desconhecemos. Há um salto da quantidade para a qualidade.

- P – *Dizem mesmo que cachorro é gente.*

O que faz um cachorro ser gente é o amor de alguém, e não a “gentidade” ou a “gentileza” dele. Como alguém ama o cachorro atribui gentidade a ele... para fingir que tem companhia. É preciso lembrar que isto é literário, e não conceitual.

- P – *Um neurocientista como V. S. Ramachandran considera o cérebro assim, já tendo feito o salto qualitativo.*

É claro, pois não se pode dizer que uma IdioFormação seja um animal. Tem uma base biótica, complexa, às vezes parecida com certos animais – sobretudo, algumas são bem parecidas com os burros –, mas não é a mesma coisa, nem mesmo burros. Têm um salto qualitativo resultante provavelmente de uma pleora quantitativa. Acho interessante esse conceito de Marx de salto qualitativo resultante de crescimento quantitativo. Temos cem bilhões de neurônios que os animais não têm, e tampouco têm as conexões que temos. Acho, aliás, que a complexidade é maior que isso.

Há, pois, um salto qualitativo resultante de ter sido incluído no Primário, como Heterossoma, a catoptria de nossa mente. A catoptria mental é dada. Assim, Primário não é o mesmo que Artifício Espontâneo que, este, é o nome, se quiserem, do que chamam de natureza, de *Physis*... Não quero nomes velhos, estão surrados. Artifício Espontâneo é o já dado. O Haver com suas formações são dadas. Ninguém fez nada para isto acontecer. A gente, na melhor das hipóteses, tenta entender – e não consegue muito. Portanto, o conceito de Primário não é o de Artifício Espontâneo. Do ponto de vista

teórico, uma coisa é subsequente da outra: o Primário é um Artifício Espontâneo, mas um Artifício Espontâneo não é o Primário. A recíproca não é verdadeira. Uma pedra, por exemplo, é um artifício espontâneo. Até onde sei, ela não anda, não come, não tem comportamento. Ela tem funcionalidades do Haver, mas não tem o menor comportamento. Se temos Primário, há comportamento, no mínimo. Não podemos dizer que o planeta faz parte do Primário. O planeta só virá fazer parte da Pessoa mediante o Secundário, mas não faz parte do Primário. Alguém tem um planeta dentro de sua construção primária?

- P – *Mas o corpo da Pessoa não termina no desenho do boneco.*

Corpo é outra coisa, não é Primário. Não podemos misturar as palavras como se fosse literatura. O *conceito* de Primário nada tem a ver com a *ideia* de corpo, e vice-versa. Corpo nem conceito é, é uma ideia extremamente vaga, uma palavra com enorme ambiguidade. Podemos, sim, dizer que supomos que um corpo humano seja da ordem do Primário, mas corpo não é conceito em teoria alguma que eu conheça, nem mesmo em Nietzsche. A palavra *corpo* em português é viva ou morta? Quantos sentidos ela tem? Incorporar, corporação?

Uma palavra colocada como conceito numa teoria está limitada, situada, precificada – enquanto preço, valor – e também com sua precisão. O fato de eu ter relações transacionais cognitivas com outras formações do Haver só me é dado por via secundária. Um pessoal primitivo só por via secundária chamará algo de Deus, pois não sabe o que é o sol, por exemplo. Para ele, é um deus. Então, a transação com

o sol que suponho ser isso assim-assim é secundária. Mesmo hoje não sabemos dizer o sol, dizemos um conceito ou ideia nossa. Quando um animal precisa tomar sol, ele vai ao sol porque a maquininha dele, animal, está marcando que esfriou e ele precisa ir para o calor. É quase que automático. Nós não fazemos isto. Um maluco suficientemente maluco toma banho de lua e diz que está tomando banho de sol.

Observem, então, como disse, que o Primário tem suas transas com as formações do Haver, pois todos são formações espontâneas. Quando dizemos que uma pessoa respira e que, portanto, o oxigênio faz parte dela – e só descobrimos isto recentemente (na pré-história não se sabia) –, não é preciso confundir nossos saberes, concepções e ideias (sobretudo literalizadas) com a realidade. Repito: o mapa não é o território. Ele está, sim, tentando falar de alguma realidade – e fala mal. Confundir aí é falta de formação intelectual. Não dá para trabalhar em nível teórico como se fosse literatura. Nesta, usamos metáforas, fazemos o que queremos para ficar bonito, para transmitir um *ethos*, um afeto, uma ideia mais ou menos vaga... Mesmo assim, um romance bem escrito tem que ter verossimilhança. Teoria parece mais com pensamento científico, matemático. Um Espinosa, ao anotar sob o título de sua obra fundamental a expressão *more geometrico*, lembra que está fazendo igual a Descartes: aquilo tem consequências, não se pode misturar alhos com bugalhos. É uma concepção rigorosa – e ainda assim, vai-se fazer errado. Então, se algum autor utilizar *corpo* como conceito, é preciso que, em sua obra, esteja definido o

que está sendo ali chamado de corpo. Em português, usamos esta palavra sem rigor. Usamos para falar em defunto, por exemplo. Já em inglês, corpo é *body* e defunto *corpse*... Falamos em corpo diplomático, corpo de baile...

Uma confusão que, às vezes, é propiciada pela própria estrutura é o não entendimento de que Primário, Secundário e Originário são *registros*, isto é, formações das IdioFormações, e não formações imediatas do Haver. Não posso dizer diretamente que o Haver tenha Primário, Secundário e Originário, pois ele é essa coisa espontânea que está aí, entretanto – e acompanhem a diferença de nível –, uma vez que há IdioFormações, as quais são formações do Haver, posso dizer que no Haver há Primário, Secundário e Originário. Não estou dizendo que o Haver tem, e sim que no Haver há Primário, Secundário e Originário. Vamos, então, sair da confusão entre *no* Haver e *do* Haver.

O Originário do Haver encontra como primeira repetição as IdioFormações. Antes de aparecer alguma IdioFormação, ele não se repete, fica só no Haver numa temporalidade infinitamente grande. O movimento de o Haver nascer/morrer, nascer/morrer, se repete como Revirão dentro das IdioFormações. Imaginem que, em algum lugar, desta galáxia ou outra, planeta, satélite, o que for, exista uma IdioFormação com muitos milênios de anterioridade em relação à nossa. Lá o Haver se repetiu pelo menos antes da repetição daqui. Se esta repetição for tão antiga, poderemos supor que até sejam civilizados. Isto porque nós aqui não somos, estamos mais perto do

macaco. Seria a mesma merda, mas uma civilização que conseguiu ir limpando o Primário, passando a borracha, esfregando a genética para se tornar um ser muito mais maravilhoso do que o nosso. Seria, esta sim, uma repetição bacana. Para constituir uma civilização, é preciso limpar o Primário, pois o resto fazemos de conta que já esteja limpo. O Heterossoma é limpo, não tem sujeira. Suponho que não se consiga produzir uma civilização com o Primário tão sujo que temos. Por exemplo, ouvi que cientistas já conseguiram eliminar o colesterol das pessoas. Esta é uma limpeza. Isto facilita a duração do Primário, a produtividade, a qualidade de vida. Nós ainda não conseguimos dar remédio para todo mundo, e, pior, *fazemos* todo mundo, o que é uma imbecilidade. Basta ver que o governo toma nosso dinheiro e dá para fazerem mais pobres. Para criar mais escravos, mais eleitores imbecis? Vejam que é coisa de macaco. Até onde irá a distribuição de renda sem esgotar a economia? Acho que já perceberam que certa esquerda é religião, e que se acha no direito de fazer qualquer falcatrua, qualquer cinismo, porque está “salvando a humanidade”. Ou seja, são transcendentais. Imanência zero. Não estou falando de política, e sim de coisa séria, de formações podres do Haver.

Entendamos, portanto, que a coisa tem mão única. O Primário é uma formação do Artíficio Espontâneo, mas o Artíficio Espontâneo não é o Primário, e sim o dado.

2

Vejam agora o conceito de **Catoptria**. Sua inserção nesta teoria foi por via primária. Foi reconhecido que o Primário em sua complexidade acaba por constituir uma ordem catóptrica, seja no cérebro seja onde for. Gente como Ramachandran está chegando perto de provar a catoptria no cérebro. A mim o que interessa é que há catoptria porque esta espécie funciona assim, catoptricamente. Faço a suposição – e espero que neurologistas ou alguma teoria biológica venha a comprovar – de que esta espécie, por algum motivo de complexidade, etc., deu um salto qualitativo e incluiu em seu Primário um Heterossoma que subverte a ordem primária, pelo menos como significação. Então, o princípio de catoptria fica avessando tudo. De começo, eu disse que, ao que quer que se lhe apresente, esta nossa espécie pode exigir o contrário. Ela se perde entre as oposições. Estas, do ponto de vista da ordem catóptrica, são completamente subvertidas: podemos exigir o contrário do que está aqui. Se inventamos luz elétrica é porque exigimos, durante o escuro, a claridade. Isto é resultante do Princípio de Catoptria que gere as formações da espécie e, por isso, resultam no Secundário. É porque há catoptria e outras condições bióticas, etc., que produzimos o Secundário e começamos a manejar o mundo através dele.

Não é, portanto, possível dizer que é porque não há não-Haver e que ele é desejado que há Princípio de Catoptria. É o contrário. Porque há catoptria a espécie vai avessando enantiomorficamente e, em

última instância, a oposição é: Haver / não-Haver. A emergência de não-Haver em nossa mente é resultante da catoptria, e não o contrário.

• P – *A Lei “Haver desejo de não-Haver” é para todo o Haver ou apenas para a IdioFormação?*

A Lei, Alei como chamo, “Haver desejo de não-Haver” é supostamente para todo o Haver, mas não para as formações do Haver. Adoto a suposição de certa cosmologia contemporânea de que, no movimento suposto de entropia, a coisa vai chegar ao momento em que a resultante do Big Bang acabará em Big Crunch. Então, o Haver por inteiro, de algum modo, é catóptrico e, de algum modo, funciona dentro da Lei de última instância. Este não é o caso das formações do Haver. As IdioFormações são a única formação do Haver que herdou esse movimento. Aconteceu que Alei e o Princípio de Catoptria que estão no Haver, sabe-se lá por que, repetiram-se em determinadas formações dentro do Haver. Um cachorro, uma pedra, a lua, etc., não têm isso. Não há repetição d’Alei enquanto tal nas outras formações. Estas são engolfadas no movimento do Haver. Elas podem se transformar, se metamorfosear, mas não reviram. A tese, a posição, de não-Haver é, portanto, consequência do Princípio de Catoptria, e não sua causa.

• P – *Freud chegou ao conceito de pulsão de morte, ao passo que você partiu do conceito de Pulsão?*

Não sei se Freud “chegou” a esse conceito. Ele não fez um percurso que lá chegou. O que fez foi captar algo em nosso funcionamento que chamou de pulsão, *Trieb*. Não é um conceito

construído passo a passo, e sim feito para conceituar isso que acontece. Ele custou a perceber que havia pulsão de morte, e ficou embananado com ela a ponto de, embora dizer isto, não afirmar veementemente que toda pulsão é de morte. Quanto a mim, parto do conceito de pulsão de morte, abstraindo-o e generalizando-o depois de Lacan e outros, e tomando esta generalização como o substrato de qualquer pulsão. Ou seja, qualquer pulsão deseja extinguir-se, aniquilar-se (tiremos o “de morte”) –, e o que temos é pulsão de eliminação, de silenciamento. Tomo, então, este conceito de Freud, coloco-o como *O* conceito e digo que os outros três conceitos fundamentais colocados por Lacan – repetição, transferência e inconsciente – são dedutíveis do conceito de Pulsão sendo “de morte”. Vejam que ainda generalizo mais. Se uma ciência dura como a física na termodinâmica já desenvolvida chegou à ideia de pulsão de morte como entropia, digo eu que o que supõem como entropia, que procuram como neguentropia achando que a entropia funcionará sozinha e o universo ficará morto, isso é Pulsão do Haver. Não concordo com que a entropia comerá tudo. Não comerá. A ignorância dos cientistas faz muita pressão e o troço volta. A força que faz voltar é a ignorância dos cientistas.

O Princípio de Catopria tem, portanto, como consequência a posturação de nossa ideia de não-Haver. O não-Haver não há, ele é do puro nominalismo. Assim como não há universais, é um nominalismo para situar ideias que possam constituir uma teoria. Repito, não confundir o mapa com o território. A catopria funcionando, em última

instância, propõe o não-Haver. Outra coisa é Alei, que funciona como pulsão e deseja a última instância, a qual, como teórico, atribuo ao Haver por inteiro a favor e contra a ideia de entropia. Vejam que estou mexendo em muita coisa, que estou arrumando um monstro teórico para mim, para eu sobreviver. Quem também quiser, pode levar para si. Cada um que tenta pensar, está produzindo um monstro teórico que nos vem desde os primórdios. Tomem os chamados pré-socráticos e verão que a filosofia é essa maluquice grega até hoje. Não existe “filosofia oriental”, o que temos é a maluquice grega, a tentativa de um modo de pensar articulado intelectual e racionalmente que vem dos pré-socráticos. Logo após o primeiro deles, que é Thales de Mileto, alguém da turminha de seus filhotes diz tudo que digo, não sou original.

Estou falando de **Anaximandro**, mais inteligente do que um Heráclito ou um Parmênides, que têm uma materialidade boba, que nem atomistas como Demócrito ou Leucipo são. Esses atomistas inventaram o começo de um elemento irreduzível e homogêneo dentro do Haver. Eles o chamaram de átomo porque pensaram que era atômico. O que chamamos de átomo hoje não é atômico. Mas, pior que os materialistas, há aqueles que diziam que o universo é feito de água, de fogo... São muito mais cafonas do ponto de vista filosófico do que Anaximandro, que já dizia que é feito de *Ápeiron*. Ou seja, está dizendo que é feito de Haver: o Haver é feito de Haver, absolutamente neutro, homogêneo. Ele, desde aquele momento, 610 antes do Jesuscristo, diferente dos outros, tem cabeça científica dentro da

filosofia. Descobriu coisas na matemática, estudou astronomia... É quase um Aristóteles. *Ápeiron* é o nome do neutro, do indiferente. Quando falei em Haver e não-Haver, não estava repetindo Anaximandro, não lembrava que ele já tinha dito. Algumas ideias se repetem, espontaneamente quase... Então, para mim, o Haver é parecido com o *Ápeiron* de Anaximandro.

Dizia ele que o *Ápeiron*, que é o Haver, não produz diretamente as configurações do mundo. Ou seja, não produz diretamente as formações do Haver. Ele, primeiro, resulta em oposições. Digo eu, o *Ápeiron*, por Quebra de Simetria como dizem os físicos contemporâneos, resulta em oposições, com eliminação de alguns lados. Primeiro isto. Ele não se transforma em formações do Haver não. Ele resulta em oposições, as quais, elas sim, resultarão em configurações outras, ou seja, em formações do Haver. É brilhante isto porque ele está dizendo a física de hoje, para qual, mesmo para a formação deste pequeno universo que usamos, tudo estava empacotado num ser extremamente minúsculo que explodiu. Quando explodiu, houve Quebra de Simetria, isto é, ali dentro, por exemplo, tinha matéria e anti-matéria e quando explodiu aconteceu que houve mais matéria do que anti-matéria. Perdemos, então, noventa por cento e com os dez por cento restantes ficou isso. Quebra de simetria, eliminação – isto é, recalcamto repetido aqui dentro porque o não-Haver não há – da metade, foi para o lixo. Entretanto, cadê essa metade? Eu a quero porque reviro. Nunca a acharei nesta situação. O Haver, ele sim, achará sua cara metade. Se o Big Crunch for tão

verdadeiro quanto o Big Bang, isso vai acoplar de novo e vai explodir de novo, mas antes de explodir acha a cara metade. Ela, aliás, está aí, os cientistas é que são cegos. O que é a matéria escura, a energia escura? Não pode ser o banho no qual os planetas estão girando? O banho do resto que sobrou? Está tudo aí, só que o escuro é o recalçado. A matéria escura faz parte do Inconsciente.

Outra coisa que quero comentar é a ideia de **Causa**, pois já ouvi dizerem que o Revirão é a causa. Não é. O Revirão é a maquininha de produção. A Causa, *das Ding* freudiana, é o não-Haver. É este Impossível que causa todos os movimentos mesmo não havendo, pois é requerido como Desejo. “Haver desejo de não-Haver” é requerimento, pelo Haver, dessa Coisa Impossível, desse lugar de Impossível. Ele causa meus movimentos porque quero atingi-lo. É Causa nos dois sentidos de meu desejo: causa meu movimento e é minha Causa. Luto por ele. Tudo que quero é Isso. Revirão, portanto, é a maquininha catóptrica que vai funcionando, funcionando e chega a produzir o não-Haver como Causa de seu próprio movimento. A cobra morde o próprio rabo. O não-Haver é a Causa do movimento do Desejo, que deseja o desejo, que deseja o desejo... mediante a Quebra de Simetria, pois nada encontra Lá em cima. É uma ciranda.

Vejam também que o conceito de Revirão – que é a maquininha enantiomórfica de nossa mente e do Haver enquanto pleno, enquanto plerômico (e não de suas formações) –, isto é, o conceito de enantiomorfismo, nada tem a ver com o conceito de **reversibilidade**. Reversibilidade e irreversibilidade na física ou na lógica, se quiserem,

são conceitos do seguinte: dado que o Haver comparece e, no que comparece, há acontecimentos que o transformam e o fractalizam, etc., o movimento das formações do Haver tem mão única, elas não são reversíveis. É o que Ilya Prigogine chama de *flecha do tempo*. Não gosto deste nome, pois para mim é *o tempo da flecha*. O importante é a flecha, o tempo não existe, é resultante do movimento do Haver. Mesmo se o Haver chegar a sua última instância, implodir e começar de novo, isto não é reversibilidade, pois ele vai recomeçar diferente. Reversibilidade é algo que só o *soft* consegue fazer. Ou seja, só o Secundário é capaz de pensar ao contrário, mas não de *realizar* ao contrário, a não ser como subproduto seu. Não há a menor condição de o movimento voltar, de involuir e chegar à infância. Isto é impossível nas formações do Haver e para o Haver como um todo, pois sempre se vai andando para a frente, produzindo coisa nova. Entretanto, mediante o Secundário, conseguimos, por exemplo, fazer uma música pelo avesso. É o que Johan Sebastian Bach fez em seu chamado *Cânone do Caranguejo*. Já escrevi música assim. É uma delícia, as pessoas não percebem que você escreveu a mesma música de trás para a frente. Um filme como produto do Secundário, que é um registro, ou seja, um mapa e não a coisa, também pode ser passado ao contrário. Isso é reversibilidade do Secundário. Não é do Primário, ou do espontâneo. Então, Revirão é avessamento. Avessamento este que pode até ser feito no Primário com intervenções mediante o Secundário. Colocar luz no escuro, por exemplo. E isto não é uma reversibilidade.

Não há presente ou futuro. Para acreditar em presente, passado e futuro, temos que acreditar que há **tempo**. Não há. O tempo que conseguimos entender é resultante das transformações do Haver. O tempo não é um cidadão, ele não existe. Já escrevi um artigo sobre isto em 1997 (*Tempo de Haver: os relógios da psicanálise ou o suicídio da borboleta*). A *duração das formações* dá uma ideia de tempo que até posso cronometrar, mas se tirarmos a duração das formações, acabou, não há tempo. Qual é a temporalidade dentro do Haver antes do Big Bang? Zero, pois não tem transformação.

• P – *Podemos, então, dizer que o espaço é a extensão das formações?*

Sim. O Sr. Immanuel Kant resolveu que há duas realidades, o espaço e o tempo, mas é bobagem. Realidades são as formações do Haver, que vão resultar em espaço e tempo por causa de sua duração e de sua amplitude. Espaço e tempo não existem, a Morte não existe. Tudo conjeturas fracassadas... A vida é, se não eterna, sempiterna. Como meu *sempre* tem começo e fim dos quais não faço ideia, logo existo e existirei para sempre. Sou eterno? E mais, o Haver não há sem mim. O universo não existe se eu não o chancelar. Este é o grande truque da reprodução do Revirão dentro do Haver. Há uma espécie completamente louca que sabe – e pode dar conta de saber isto – que, se não existo, o universo não existe. Quem dá aval ao universo sou eu, pois ele sozinho nada diz, apenas se transforma loucamente sem se reconhecer. Talvez as IdioFormações sejam a consciência do universo.

Se ele não produzir seu meio de consciência, ele não tem consciência. Repetindo, estou aqui para cancelar a havência do Haver.

3

Retornemos ao **corpo**, sobre o qual já falei um pouco antes. Retomo alguns textos meus assinalados por Rosane Araujo como portadores de ambiguidade de entendimento. Começemos pelo que está no Seminário de 1997, *Comunicação e Cultura na Era Global* (Rio de Janeiro: NovaMente, 2005), pág. 55. Se for lido sem referência à gênese do conceito, a ambiguidade do texto pode levar a pensar em algo que não existe. Então, após falar no capítulo anterior de Primário, Secundário e Originário, isto é, de formações das IdioFormações, neste contexto, começo o próximo capítulo com a seguinte frase: “Falávamos dos registros de assentamento das formações do Haver, Primário, Secundário e Originário”. Reconheço que é pouco redundante e que, se quisesse que este texto funcionasse sozinho, antes do resto, deveria ter acrescentado: “nas IdioFormações”. Continuando no texto publicado: “Como disse, o Primário são as formações que costumamos chamar de ‘naturais’ (prefiro chamar de ‘espontâneas’) que, no caso de nossa espécie, se referem a todo o ambiente em que vivemos...” Vejam que estou definindo o espontâneo e não o Primário, pois, como disse, o Primário é espontâneo, mas não é *O* espontâneo. O espontâneo é tudo isso mais a nossa formação.

Então, quem ler esta frase fora do contexto fica sem entender (e quem a disse sem redundância tornou-a ambígua). Não podemos misturar. Se o fizermos, jamais entenderemos que há um contexto, o qual já tem definidos os conceitos de Primário, Secundário e Originário.

Outro trecho assinalado está no livro *Pensamento Original Made in Brazil* (Rio de Janeiro: Oficina do Autor / UniverCidadeDeDeus / Etc., 1999), pág. 191: “Os artifícios que já encontramos por aí – galáxias, estrelas, planetas, terra, corpo humano, etc. –, chamo *artifícios espontâneos*. Assim o que encontramos com essa espontaneidade é o campo do Primário”. Dei aí um salto enorme, pois, em algum lugar, já tinha falado disso. Estou dizendo que, com a mesma espontaneidade, há o campo do Primário, e não que o Primário seja *O* artifício espontâneo. Reconheço que está ambíguo, mas isto jamais pode ser lido sem referência ao contexto, a um passado em que os conceitos estão definidos.

Vamos a outro trecho, agora do Falatório de 2004, *Economia Fundamental* (Rio de Janeiro: NovaMente, 2010), pág. 130: “O que há de mais interessante nesse conceito é podermos igualar equacionalmente Pessoa à rede, *network*, *web*, se quisermos” – aqui, estou falando de Pessoa, e não de Primário. “Isto é, uma malha de formações com foco e franja, composta de uma plethora de formações primárias e secundárias – afora a originária, que define a Pessoa –, que se situam em qualquer parte do Haver, e não só no chamado corpo do indivíduo. Aliás, a ideia de corpo é a mais absurda que já conheci”. Estou recusando a ideia de corpo, pois não há que confundi-la com o

Haver ou com Primário, Secundário e Originário. “O que é um corpo? Melhor dizendo, o que é o corpo de uma Pessoa? É uma ideia esquisita, mas a Pessoa deve ter algum corpo, caso contrário, ela não comparece. Mas onde começa e onde termina o corpo de uma Pessoa?” É Primário, Secundário, é o quê? Se é Secundário, termina onde, no sol, na lua, na galáxia? Isto, secundariamente, pois não se trata de *carne* aí. “Digo isto para desvincular essas noções e evitar sinonímia entre sujeito, indivíduo e corpo. Sobretudo, no meio do resto lacaniano que sobrou por aí...” Bem, acho que isto está respondido.

Outro trecho, em que, após me perguntarem, pág. 131, se “seria abuso dizer que o corpo da IdioFormação é o Haver”, respondo que: “O corpo da IdioFormação é primordialmente o Haver”. Aqui, não estou falando de Primário, e sim de corpo, que é uma ideia ambígua, polimorfa, que depende do Secundário. Secundariamente, farei a teoria – ingênua ou sofisticada – que quiser. Um primitivo diria que o deus faz parte de seu corpo. Isto é secundário, vai aonde quiser. Então, secundariamente, como inventei o Pleroma, ele faz parte de meu corpo. Mas, isto, porque o inventei. Ou seja, faz parte do corpo, da Pessoa, e não do Primário. Corpo não é primário, é uma noção meio suja, é um ajuntamento, mais nada. Continuando, pág. 132: “Temos essa abrangência toda, pois mesmo que pensemos apenas em nível Primário, o corpo não termina onde está o desenho do boneco, já que, sem as transas externas, ele não subsiste”. Isto é secundário. É, por exemplo, uma teoria da circulação do sangue, que parece à beça com a

circulação do sangue, tanto é que médicos conseguem salvar pessoas mediante intervenções. Mas não se pode confundir a *teoria* da circulação do sangue do Sr. William Harvey com o sangue que circula aqui em nós, pois Harvey ficará devendo. É mapa, e não realidade. Como o mapa pode parecer com a realidade, faço um roteiro e uma viagem – mas, como aconteceu com o gringo em São Paulo, que foi seguindo caminho pelo GPS, posso terminar na favela e levar um tiro...

O que vejo acontecer, então, repito, é falta de referência à gênese dos conceitos, ao contexto em que se está falando e, pior, frase ambígua demais. Por isso, peço que, a cada vez que acharem frases com aparência ambígua, que tragam para limpá-las. Ao falar, muitas vezes dou saltos porque estou na suposição de que estão entendendo o contexto anterior. Frequentemente, vejo frases minhas transcritas sem erro, mas com pontuação errada ou falta de redundância, da minha parte.

- P – *Mas como é que você sabe que “Haver quer não-Haver”? Isso cai do céu?*

Isso cai do Freud. Assumi isso e *quero* assim. Não esquecer que, atrás de uma teoria, há um maluco que a está fazendo. Freud, em laboratório, analisando pessoas, observando a si próprio, descobre que existe um negócio chamado Pulsão – que traduzo por Tesão (o que é óbvio, pois todos têm tesão em algo) –, isto é, que todos têm tesão em morrer, que ele chama de Pulsão de Morte. Aí tomo este conceito de Freud e generalizo, pois me parece que, evidentemente, *gente é*

fabricada com Pulsão de Morte. E pior, cientistas das ciências duras disseram que o universo é mortal, entra em entropia, o que não quer dizer que ele morre. Tomo, então, os conceitos que herdei de outros e monto este aparelho, o qual é uma loucura como qualquer outra. Só que ele tem que ser coerente para termos um mínimo de maneira de lidar com a cozinha. Uma boa cozinheira, por mais ignorante que seja, tem uma teoria sólida, um saber, um conhecimento por trás, mesmo que o tenha comprado de outros que lhe disseram para fazer assim. Isto não é de tipo epistemológico. A epistemologia é que é uma tentativa de entender o conhecimento, e não que o conhecimento seja epistemológico. Ela é a maluquice de uns caras que querem entender *assim* o conhecimento. Se o conhecimento fosse epistemológico, nossa espécie não teria chegado até aqui. Ela era completamente analfabeta, primitiva, imbecil, no entanto fazia coisas incríveis a ponto de chegar aqui. Cadê a epistemologia? Ela é uma tentativa muito recente de organizar o conhecimento com alguma precisão. Conseguiu? Não. Quebrou a cara. Já lhes disse que como Popper é uma pessoa decente, mesmo fazendo a teoria da falsificabilidade, concluiu que, no fundo, é preciso *acreditar* nela. A única garantia dessa teoria é uma *crença*. Se assim o é, então é uma religião, conforme defino. Religião é qualquer pensamento fundado numa crença. O marxismo, por exemplo. Propus **Arreligião**, sem crença, mas usando a psicanálise como ferramenta e fingindo que ela possa substituir a religião. Se começarem a acreditar na teoria que inventei, saio correndo. É coisa de maluco.

Freud reconheceu o conceito de Pulsão em havência. Há um troço, um movimento, que ele chamou de Pulsão. Há, portanto, um laboratório que dá um mínimo assentamento ao conceito. É abrangente e totalitário? Não, nunca será. É apenas uma ferramenta, um instrumento. É preciso prestar atenção na loucura em que todos temos tendência a cair, de frequentemente misturar o mapa com o território, de tratar a palavra como coisa, de abandonar um conceito e segurar nas coisas. Só seguramos nas coisas para sacar um conceito. A partir daí, é conceito. Freud separa bem ao falar em representação de coisa e representação de palavra, mesmo sem saber do que está falando. Qual é a diferença entre coisa e palavra? Se a coisa se manifesta por vias sensoriais, visuais, táteis, de gosto, sem nome, é disto que ele está falando. Já representação de palavra é outra coisa, é mais clara de entender, pois é Secundário puro. Tanto é que posso fazer uma teoria avançada, tomar tudo que outros disseram e reduzir, reduzir, como é, aliás, o movimento da mente. Lembrem-se de metáfora e metonímia, de condensação e deslocamento, de álgebra e almucabala: transposição e redução... Dizemos hoje apenas álgebra, mas originalmente é: álgebra e almucabala. Na álgebra, condensamos ao mínimo e deslocamos a equação de um lado para o outro. Vejam que está lá na matemática, eles eram freudianos. Isto porque provavelmente este seja o movimento da mente. O idiota do Augusto Comte resolveu que era “ordem e progresso”, mas deslocamento não é necessariamente progresso, nem condensação necessariamente ordenação. Foi parar em nossa bandeira e é uma religião como não

canso de lembrar. Ele encaminhou para fundar uma religião cuja deusa era sua mulher. Era completamente psicótico. Há que entender que esta nossa espécie é maluca, e tomamos essa loucura para dar um jeito contemporâneo. Apenas tentei organizar para mim isso que essa gente toda, maluca, botou em minha cabeça. De preferência, fazendo o máximo de eliminações. É a navalha de Ockham que, na verdade, foi copiada de Aristóteles. Trata-se de minimizar para ver se a teoria cabe no bolso. Ela tem que ser portátil para podermos nos safar de situações difíceis, como de assaltos psicóticos.

• P – *Podemos dizer que o Haver é um lugar?*

O Haver é *O* lugar. Minha primeira manifestação pública, afora a literária, foi publicar no início dos anos 1970 uma revista intitulada LUGAR. Justamente para perguntar onde é que estou. Um lugar não é necessariamente espaço ou tempo. Qual é o lugar do número 15 na série dos números reais? O que pode ser um lugar no nível abstrato do cálculo infinitesimal? Aí está a palavra *lugar* sem espaço ou tempo, é apenas serial. Devemos procurar essa formação para não ficarmos perdidos no hábito verbal. Um matemático tem que tomar termos da língua e definir. Por exemplo, às vezes digo de algo que é infinitamente grande e depois vêm me dizer que eu disse que era infinito. Infinitamente grande não é infinito, e sim que não se sabe calcular até onde vai. Ou seja, a gente já andou muito e não consegue chegar a algum termo. Numa tabela matemática qualquer, usa-se o número π , 3,1415926..., com 7 casas para ficar refinado, mas é um rabo quase infinito ao qual não se chegou ainda à conclusão. Só posso,

então, dizer que é um número infinitamente grande, e não que é infinito, pois não sei. Em algum lugar ele pode estancar. Se disser de algo que é infinito, isto quer dizer que não tem termo. O infinito, ∞ , em matemática, é uma suposição e um índice de limite. No cálculo, aparecerá uma limitação, mas o índice é de limite no infinito. Ou seja, não tem termo. Supostamente, não tem onde parar. Nossa formação brasileira é péssima. Alguém que, no meu tempo, tivesse feito um bom ginásio sabia tudo isso.